

# Formação de professor é superficial e fraca

Os nove mil professores de 1º grau que saem anualmente das escolas normais do Estado do Rio formam-se com currículos extensos demais, onde as disciplinas são abordadas superficialmente, lidam com bibliografia ultrapassada e não sabem aquilo que, formados, passarão a ensinar. A avaliação acaba de ser feita pela Secretaria de Educação do estado, que reuniu representantes das 157 escolas fluminenses de formação de professores para analisar sua qualidade e modificar, a partir daí, seu funcionamento.

“Resolvemos puxar o fio da questão da má qualidade do 1º e do 2º graus: a formação do professor. Mexendo nisso, que é a base da educação, estaremos mexendo em todos os níveis de ensino”, diz a professora Amélia Maria Queiroz, diretora do Departamento Geral de Ensino da secretaria.

Lidando com 15 a 16 disciplinas por ano — quando o ideal seria não passar de 10 ou 11 — os futuros professores às vezes têm carga de apenas uma hora semanal para algumas delas. “É a mesma coisa que não ter nada”, diz Amélia Maria. Ela atribui o problema à Lei 5.692, que criou o ensino profissionalizante e obrigou “todo mundo a saber tudo”.

“Antigamente havia o clássico para quem queria especializar-se nas áreas de Humanas, o científico para as ciências, as escolas técnicas e o curso normal. Era tudo mais dirigido e o currículo, conseqüentemente, bem elaborado. O aluno saía com uma formação básica sólida. Com o profissionalizante, juntaram-se as disciplinas do núcleo comum com as profissionalizantes e o currículo ficou uma tragédia”, analisa Amélia.

A esse problema somam-se outros. As aulas de Didática, por exemplo apenas induzem o futuro professor a adotar determinado método, em vez de conduzir à reflexão. E os critérios de avaliação são mecânicos. “Se o futuro professor aprende a montar um jogo didático, valoriza-se o material, de prefe-

rência caríssimo, que ele usou e não o valor pedagógico do jogo em questão”, exemplifica Amélia.

Em vez de serem demonstrados, os métodos de ensino são apresentados formalmente, com *cuspe e giz*. “Se o aluno nunca experimenta um método, ele vai temer repassar. Vai ensinar da mesma maneira como foi ensinado”, alerta Amélia.

**Didática** — A distância entre teoria e prática reafirma-se nas aulas de Didática Especial, isto é, as que vão ensinar a ensinar cada uma das disciplinas de 1º grau. O professor de Didática de Matemática, por exemplo, não é especializado em Matemática, mas em Didática e pode orientar também outras disciplinas como Português ou Geografia. “O ideal seria que o professor de Didática, que é formado em Pedagogia, pelo menos se especializasse em orientar uma única disciplina”, acredita Amélia.

Aprender sobre a educação na China no século II antes de Cristo, em História da Educação, decorar artigos e parágrafos de leis e as características das várias correntes psicológicas, em vez de saber quando e como aplicá-las, são outras falhas.

Amélia fez testes com professores e verificou que eles não dominam o assunto de que tratam. “Eles aprendem que um decímetro cúbico corresponde a um litro. Mas se apresento um cubo com essa medida e pergunto se dentro cabe um litro de Coca-Cola, dizem que não.” Quando se interessam por se aprofundar, não há quem lhes explique. “Vi professores que queriam saber por que antes de *p* e *b* se usa *m*. Mas seus orientadores não sabiam dar a explicação.”

Os problemas culminam com um estágio distanciado da realidade, feito em escolas de classe média. Uma vez no mercado, encontram crianças que não sabem segurar um lápis e nunca viram um livro. “Eles se apavoram porque não adquiriram experiência para lidar com essa situação”, diz Amélia.